



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 10 de setembro de 2025 » Ano XXV » Nº 1182
Edição Gratuita Diário » www.eshoje.com.br

 /eshoje

 @eshoje

 eshoje

 eshoje

ECONOMIA

Inadimplência
derruba os
financiamentos » 4



DIVULGAÇÃO

ARTIGO

O que é
ser bom
julgador? » 2



ESHOJE

CULTURA

Performance,
pintura e
desenho » 5



CACÁ LIMA

Mais de três mil casos de vítimas de escorpiões no ES

A vegetação pode ser usada como abrigo e até como caminho para que o animal
peçonhento chegue a locais onde normalmente não estaria » 3



DIVULGAÇÃO

GUSTAVO VARELLA CABRAL

Julgamentos colegiados

Todos que acompanham, profissionalmente ou por mera curiosidade, processos penais, seus ritos e desdobramentos, sabem que, quase sempre, uma ação penal inicia-se por meio de uma denúncia apresentada pelo Ministério Público no foro próprio (competente) para seu julgamento. Foro é o nome técnico do “lugar” onde o juiz (ou Tribunal) exerce sua atividade judicante e, nos casos criminais, em regra, o réu será processado e julgado no local cometeu o ato ilícito a ele imputado. E será presidido por um juiz singular, ou seja, apenas um magistrado exercerá essa função depois que aquela ação lhe for distribuída.

Depois que o réu é citado e constitui seu advogado, sucedem-se os atos estabelecidos em lei para que se chegue ao momento da sentença, alternando, a acusação e a defesa, argumentos voltados à condenação ou absolvição antagonicamente pretendidas, manifestando-se sobre as provas e, ao cabo disso, o processo segue para sentença. No momento de proferi-la, o juiz examinará o processo, primeiro sob o crivo da legalidade (ou seja, se as regras legais atinentes a prazos, formas etc., foram seguidas) e, depois disso, não havendo qualquer nulidade a ser sanada, passará à avaliação dos elementos objetivos e subjetivos que formaram a sua convicção, apontando-os de maneira clara e fundamentada para justificar o que o levou a acolher ou rejeitar os pedidos da denúncia.

Numa sentença, qualquer que seja seu resultado para o réu, deve o seu prolator apontar os motivos jurídicos que enformaram seu convencimento, apondo nela sua “digital”, registrando as “pegadas” do caminho até sua conclusão, eis que, investido de autoridade pelo Estado, absolverá alguém pelos seus atos ou o mandará por muitos anos para uma cela. Por mais brilhantes e louváveis que sejam, convicções pessoais, “achismos”, paixões ou ideologias não podem fazer às vezes de fundamentação, abreviando ou sublimando regras legais, princípios e valores científicos

consagrados, ou confrontando, sem uma sólida argumentação de amparo, jurisprudências formadas e consagradas pelas Instâncias Superiores.

Não apenas porque decorrentes do exercício de uma função pública mas porque (quase que invariavelmente) essas sentenças são levadas ao reexame dos órgãos jurisdicionais de sobreposição, sua ratificação ou reforma igualmente exigem apontamento, lúcido e lógico, das razões que as motivaram, portando ao Juízo Monocrático impõe-se não apenas ostentar capacidade cognitiva, preparo técnico, coerência e probidade no seu ofício, mas também lealdade para com sua função, seus pares e Instituição, máxime em relação à sociedade, instada a confiar na sua honestidade intelectual, e em seu senso de justiça.

Em alguns casos excepcionais, quando o agente imputado pratica o ato no exercício de determinadas funções públicas devidamente identificadas no ordenamento vigente, o julgamento originário (dessas ações penais) se dá por um colegiado, integrado por membros do Tribunal ao qual se atribui competência para fazê-lo. Esses julgamentos obedecem às regras processuais vigentes, as gerais e aquelas ditas regimentais, que regulam o seu funcionamento.

Observadas e obedecidas as fases e os ritos próprios, o caso é levado à decisão do corpo de julga-

dores, que apresentam seus votos neles registrando, de maneira idêntica ao juiz singular, motivos e razões que levaram seu prolator a absolver ou condenar o réu. Se àquele (a) Magistrado singular são exigidos os mencionados atributos, condutas e cuidados acima declinados, mais ainda o são aos membros de um colegiado, visto que o Acórdão (“nome” da decisão proferida nesses casos) trará não apenas as opiniões de uma só pessoa, mas espelhará os valores, percepções e condutas de todos os integrantes do corpo julgador, mesmo que o resultado não seja unânime.

Nesse passo, é fundamental que se observem a coerência, equilíbrio e impessoalidade em cada um dos votos que se somarão, ao menos para que não se permita a suposição de que aquele ato sagrado (julgar um semelhante) foi praticado conforme as conveniências pessoais ou políticas de seus participantes, produzindo efeitos absolutamente deletérios e contaminantes para a própria legitimidade do sistema.

Dissonâncias e divergências são próprias (e até louváveis) de ocorrer em qualquer ambiente coletivo, inclusive em julgamentos colegiados, visto que interpretações de leis ou fundamentos doutrinários decorrem de visões técnicas, experiências e formações de cada julgador que os integra, todavia existem limites, regras escritas e não escritas que devem ser observadas

e respeitadas ao risco de produzir-se uma cacofonia de compreensões, atentando contra a segurança jurídica e a própria essência da atividade.

Dos muitos predicativos que podem ser usados para identificar um bom julgador, a “previsibilidade” é um dos mais um dos mais caros. O juiz “previsível” não é aquele que faz sempre a mesma coisa, desinteressada e monotonicamente, como um operário de uma linha de montagem, mas aquele de quem, lastreado em sua história e caráter pessoais, valores jurídicos e republicanos notórios e conhecidos, atua com igual parcimônia ou rigor, acuidade, denodo, lucidez e imparcialidade em todos os casos que lhes forem submetidos a julgamento, independentemente dos fatos que os permeiam, sejam notórios ou desconhecidos os réus.

Os juízes que compõem um corpo de julgamento - não ali à toa ou por mero acaso - são tão capazes quanto experientes, já tendo exercido sua judicatura em inúmeros casos análogos anteriormente apreciados, quer enquanto singulares, quer nessa mesmo ambiente coletivo, proferindo decisões e votos nos quais tatuaram suas motivações e convicções. Quer por coerência às suas próprias histórias, quer por lealdade aos seus pares, ou por indispensável honestidade intelectual, devem seguir a mesma linha de raciocínio e de interpretação, com as variações próprias a

cada circunstância, não se concebendo que ele, autor de dezenas ou centenas de decisões anteriores, fundadas nas mesmas premissas, compreensões e precedentes, desdiga e infirme, de maneira escabrosa e desrespeitosa, a si mesmo e aos seus pares, elogiando às escâncaras uma conduta que há pouco tempo reprovava com veemência e afronte suas próprias decisões recentes, vertidas num sentido, louvando seu absoluto inverso, principalmente quando, com a sua participação ou voto vencido, aquele corpo de julgadores já decidira e firmara sua convicção.

Instituições, públicas ou privadas, são formadas pela aglutinação, nelas, de seres humanos e, portanto, são passíveis de falhas que devem ser, sempre, apuradas, coibidas e consertadas, apreendendo-se com os erros para minorá-los ou evitá-los no futuro. Órgãos colegiados, principalmente quando exercem o a sagrada função de julgar, têm em sua composição profissionais (ou pessoas) aos quais se reconhece não apenas o mérito e a excelência para integrá-los, mas a dignidade indispensável à sua função. Uma coisa é, por razões diversas e igualmente lamentáveis, alguém decidir beber um litro de veneno antes de sair de casa pela manhã e dirigir-se para o trabalho. Outra é levar consigo o produto e despejá-lo na caixa d'água que alimenta as torneiras de cada uma das salas de seus pares.



Vamos construir
juntos os próximos
capítulos dessa

HISTÓRIA?



A opinião dos colunistas
não reflete o posicionamento
do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Semanal

Rua Carlos Lindenberg, 40. Ed San
Gennaro, sala 201. Jardim Camburi.
Vitória ES. Cep 29092-110 -
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Giulia Reis
Mariana Cicilioti
Thauane Lima
Esthefany Mesquita
Andressa Mota
João Otávio Carvalho
Thierry Khalil

**SIGA NOSSAS
REDES SOCIAIS:**

/eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Plantas atraem escorpiões e exigem cuidado no jardim

A vegetação pode ser usada como abrigo e até como caminho para que o animal se aproxime

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Entre os dias 15 e 50 de setembro acontece, no Espírito Santo, a Semana Estadual de Conscientização sobre Acidentes por Animais Peçonhentos. O estado capixaba registrou de acordo com dados do Centro de Assistência e Informação Toxicológica (Ciatox - ES), entre janeiro e agosto deste ano, 5.665 pessoas sofreram algum tipo de acidente com animal peçonhento, sendo 479 causados por serpentes, 346 por aranhas, 3.945 por escorpiões. No ano passado, em 2024, no mesmo período, foram registrados 4.804 acidentes por animais peçonhentos, sendo 494 causados por serpentes, 424 por aranhas e 3.065 por escorpiões.

Em relação ao mesmo período de 2024, houve aumento de 17,92 % nos registros de animais peçonhentos, sendo 28,71% de acidentes com escorpiões, e queda de 3,04% nos acidentes por serpentes e 18,4% nos acidentes por aranhas.

Sendo a maioria dos casos envolvendo escorpiões, o tecnólogo Paulo Goldoni, do Instituto Butantan, destacou que há mitos sobre o animal. Escorpiões não são afastados por plantas, mas podem transformá-las em esconderijo perigoso. Especialistas alertam que espécies como bromélias e palmeiras com folhas secas acumuladas criam ambientes úmidos e com frestas que favorecem a presença desses aracnídeos, exigindo manejo e cuidados no jardim.

A ideia de "plantas que afastam escorpiões" é mito. "Não há nenhuma comprovação científica", afirmou. Segundo ele, nenhum vegetal funciona como repelente. "Se isso fosse verdade, esses animais evitariam qualquer ambiente com vegetação. Mas eles vivem normalmente em áreas de mata, junto a diferentes tipos de plantas", pontua o especialista.

O ponto central não é repelir, mas sim evitar abrigos. "O maior risco é servir de esconderijo. A vegetação pode ser usada como abrigo e até como caminho para que o animal chegue a locais onde normalmente não estaria", alerta Goldoni. A ciência aponta que algumas estruturas vegetais criam microambientes ideais para escorpiões: úmidos, escuros e com frestas.



REPRODUÇÃO DA INTERNET

Biólogo explique que não há comprovação científica sobre plantas repelentes, mas existem espécies que criam ambiente propício

“A vegetação pode ser usada como abrigo e até como caminho para que o animal chegue a locais onde normalmente não estaria”

Paulo Goldoni, especialista

OUTROS

Os animais peçonhentos são aqueles que produzem peçonha (veneno) e têm presas, ferrões, cerdas, espinhos entre outros, capazes de envenenar as vítimas, tais como escorpiões, aranhas, serpentes, abelhas, lagartas e mariposas.

Para picadas de escorpião, compressas mornas ajudam a aliviar a dor local até a chegada a um serviço de saúde. Não é recomendado colocar gelo no local ferido.

O escorpião amarelo é o mais comum no território capixaba. Apresenta patas amarelas, tronco escuro, uma mancha escura e serrilha no fim da cauda. Embora menos frequente, o escorpião marrom também é encontrado no Espírito Santo. Tem tronco marrom e patas amareladas com manchas escuras e cauda marrom avermelhada.

PLANTAS E ESTRUTURAS QUE FAVORECEM ESCONDERIJOS

- **BROMÉLIAS-TANQUE:** Estudos brasileiros mostram que o escorpião *Tityus neglectus* usa bromélias como abrigo, área de forrageamento e até "rota de fuga". A espécie distribui-se de forma uniforme pela planta e consegue submergir na água acumulada por quase 8 minutos, para escapar de predadores.
- **OBSERVAÇÃO importante:** *T. neglectus* tem toxina que não provoca quadros graves em humanos. O achado, porém, reforça o ponto-chave: bromélias criam abrigo para fauna variada, inclusive escorpiões, por causa da roseta que armazena água.
- **PALMEIRAS COM "SAIA" DE FOLHAS SECAS (PALMEIRA-LEQUE MEXICANA):** Acúmulo de folhas mortas das palmeiras-leque mexicanas (*Washingtonia robusta*) oferece riscos. Em seu artigo científico, o professor em horticultura ambiental da Universidade da Flórida, Timothy K. Broschat, mostra que a espécie da planta surge como esconderijo para ratos, cobras e escorpiões. A remoção dessa reduz esses abrigos. Em palmeiras mais maduras, as folhas antigas tendem a cair sozinhas, tornando a planta "autolimpante". Até lá, o manejo é indicado para não formar o "casaco" de folhas secas.
- **MASSA VERDE Densa E COM FRESTAS:** Touceiras muito fechadas e trepadeiras compactas aderidas a muros são cenário perfeito para os aracnídeos. Além disso, pilhas de folhas secas e plantas encostadas nas paredes aumentam a umidade e criam fendas, garantindo local ideal para escorpiões urbanos, que também buscam alimento (baratas) e água.

PREVENÇÃO

- Os acidentes com escorpiões vêm crescendo nas cidades, impulsionados por calor, oferta de abrigo e alimento. Por isso, as medidas ambientais pesam mais do que "plantas milagrosas". Veja as recomendações do Instituto Butantan:
- **MANTER** quintais limpos, sem entulho nem folhas secas;
- **VEDAR** ralos, portas e frestas;
- **INSTALAR** telas em janelas;
- **NÃO** deixar roupas e calçados no chão;
- **EVITAR** que plantas encostem em muros e paredes.
- **O** que fazer em caso de picada? Lave o local com água e sabão, use compressa morna/quente para dor e procure atendimento médico imediato. Só um profissional avalia a gravidade e a necessidade de soro.

Inadimplência derruba retomada de imóveis

No acumulado do ano passado, a Caixa reintegrou 49.935 imóveis, superando recorde de 2024

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

A Caixa Econômica Federal, responsável por dois de cada três financiamentos imobiliários realizados no Brasil, reintegrou 8.762 imóveis no primeiro trimestre de 2025. O número 33,4% menor do que o registrado no mesmo período do ano passado (13.166 propriedades) se justifica pela redução da inadimplência dos contratos.

Retomada de imóveis volta a cair no primeiro trimestre. O número de reintegrações é o menor para o mesmo período desde 2022 (812) e interrompe sequência de altas. Os dados obtidos pela reportagem via LAI (Lei de Acesso à Informação) mostram ainda que o valor total dos imóveis retomados somou R\$ 1,15 bilhão, uma queda de 25,8% em relação ao mesmo período de 2024 (R\$ 1,55 bilhão).

Cenário econômico favorável justifica os números. A taxa de desemprego no menor patamar da história e a evolução do ganho médio dos brasileiros são consideradas determinantes para a redução das reintegrações. "Essa queda [das retomadas] reflete o mercado de trabalho mais aquecido e a ampliação das renegociações com os bancos. As famílias conseguiram se reorganizar financeiramente", diz Bruno Pira, especialista em mercado imobiliário.

Ambiente favorável derrubou índice de inadimplência. O percentu-

al de atrasos por mais de 90 dias para a quitação dos financiamentos da Caixa recuou para 1,19% ao longo de todo o ano passado. Segundo os balanços do banco estatal, a taxa é 0,43 ponto percentual inferior à registrada um ano antes. Ainda que tenha voltado a subir no primeiro trimestre de 2025, para 1,42%, o cenário não afeta as recuperações, normalmente realizadas após períodos mais longos sem os pagamentos.

HISTÓRICO

Queda das retomadas vem após volume recorde registrado em 2024. No acumulado do ano passado, a Caixa reintegrou 49.935 imóveis (o banco não informa quantos imóveis financiados fazem parte da carteira). A quantidade superou o recorde do ano anterior, marcado pela retomada de 39.591.

Número de recuperações foi praticamente nulo durante a pandemia. No período da pandemia de Covid-19, o governo autorizou medidas para não prejudicar quem foi afetado financeiramente pela emergência de saúde. Pausas e reduções temporárias nas parcelas reduziram as recuperações no período, levando às baixas históricas no início da década.

Aumento dos juros tem pouca influência no número de retomadas. Apesar de encarecer e dificultar novos financiamentos, a elevação da taxa Selic para 15% ao ano, o maior patamar desde 2006, não altera os pagamentos dos contratos já firmados com o banco. "Quem pega um empréstimo, mesmo que com juros altos, normalmente tem uma programação financeira, pelo menos para um curto prazo, e dificilmente deixa de honrar as primeiras parcelas", avalia Marcelo Tapai, especialista em direito imobiliário.

Juros mais altos levam a queda no número de novos financiamentos. Desde novembro do ano passado, foram adotadas regras mais restritivas para a liberação do cré-



O número de reintegrações é o menor e interrompe uma sequência anual de altas

dito imobiliário no Brasil. As mudanças elevaram de 20% para 30% o percentual mínimo de entrada para a aquisição do imóvel. "Em alguns casos, o máximo que os compradores conseguem de financiamento é 50% do valor do bem", diz.

Carteira de crédito imobiliário da Caixa cresce em ritmo mais lento. Com as mudanças, o banco estatal firmou 164,2 mil contratos no primeiro trimestre deste ano, número 10,4% menor do que as assinaturas celebradas entre janeiro e

março do ano passado. Como consequência, a carteira de crédito imobiliário da Caixa subiu 12,7%, de R\$ 754,3 bilhões para R\$ 850,4 bilhões, e registrou a evolução anual mais baixa desde o segundo trimestre de 2022 (12,4%).

Como funciona a retomada

BANCOS PODEM notificar a inadimplência 15 dias após o atraso. O período é estipulado pela lei 9.514/97. Ainda assim, Lucas Bettim, especialista em direito imobiliário, afirma que a maioria dos bancos adota um intervalo de tolerância de até três parcelas em atraso antes de formalizar a notificação extrajudicial no cartório. "O intervalo constitui uma janela crítica para negociação antes do início oficial do processo de retomada", explica.

Prazo para a quitação integral da dívida varia em até 45 dias. Sem a quitação, o cartório assume o direito de transferir a propriedade em nome do credor, que assume o compromisso de direcionar o imóvel para ser leilado em duas etapas: o primeiro para definir o lance mínimo do bem e, em seguida, ocorre um leilão com a adição do valor da dívida.

"Entre a primeira parcela em

atraso e a realização do segundo leilão, o prazo médio é de seis a oito meses, podendo variar conforme a agilidade do cartório e do credor. Em caso de judicialização, esse prazo se estende significativamente", diz Lucas Bettim, especialista em direito imobiliário.

Especialistas afirmam que prazos podem ser flexibilizados. "Os procedimentos internos costumam demorar até que a instituição inicie efetivamente o processo de cobrança e leilão do bem", destaca Tapai. Pira, por sua vez, entende que os juros altos abrem margem positiva para os clientes. "O valor presente do dinheiro permite um bom desconto, o que pode gerar condições vantajosas para quem busca comprar para morar, investir ou regularizar seu financiamento em atraso", avalia.

Os bancos costumam oferecer alternativas de renegociação pa-

ra evitar a retomada, e o cliente tem sempre a possibilidade de fazer uma portabilidade caso a taxa diminua e outro banco tenha uma condição de taxa menor. Bruno Pira, especialista em mercado imobiliário

Retomadas não ocorrem somente devido à inadimplência. Ainda que o atraso nas prestações represente a principal motivação, as recuperações também podem acontecer por outras razões. Entre elas, aparecem o uso do imóvel para uma finalidade diferente da contratada, a transferência da posse a terceiros sem autorização do credor, a falta de pagamento do IPTU ou seguros obrigatórios e a constatação de fraude na contratação. Segundo Bettim, as autorizações são determinadas em contrato e vale "sempre que a integridade da garantia estiver ameaçada".



“Essa queda reflete o mercado de trabalho mais aquecido e a ampliação das renegociações com os bancos”

Bruno Pira, mercado imobiliário

NÚMEROS

8.762

imóveis reintegrados pela Caixa no primeiro trimestre de 2025

1,15 bi

é o valor da soma dos imóveis reintegrados

1,19%

foi o percentual de recuo anual

Entre a performance, a pintura e o desenho

Obra de Gabriel Caetano habita o instante da experiência, transformando vivências em poética

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

O artista capixaba Gabriel Caetano representa uma geração que transita com liberdade entre linguagens, borrando fronteiras entre corpo, gesto e imagem. Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Vila Velha (2021), ele constrói uma trajetória marcada pela pesquisa em performance, desenho e pintura, sempre a partir de uma dimensão autobiográfica que se expande em direção ao coletivo.

Nesta entrevista, Gabriel reflete sobre seu percurso, suas referências e os atravessamentos que constituem sua prática artística. Ele fala sobre o papel do corpo em seus processos de invenção, a influência da cidade de Vitória em suas criações, os desafios e potências da cena contemporânea capixaba e a importância da dúvida como motor para a criação. O artista também compartilha próximos passos, como participação na exposição coletiva Cores da Consciência, no Museu Capixaba do Negro (Mucane). A exposição ficará de 14 de outubro a 13 de dezembro.

ES Hoje: Sua formação é em Artes Cênicas mas sua produção envolve pintura, desenho e performance. Como foi a transição entre linguagens?

Gabriel Caetano: Penso as artes num sentido mais ampliado e relacional, assim como meu corpo que insiste constantemente evocar desejos e pensamentos como radicalidade de existência no processo de criação. Desde a minha graduação em Artes Cênicas meu foco sempre foi a experimentação de partituras corpóreas/inventivas/performativas às artes visuais, o corpo híbrido.

“Processo de criação é falar de nossas imagens esquecidas, de encontrarmos o agora, recuperando o passado”

Sua obra parece sempre partir de uma dimensão autobiográfica. Como você transforma vivências pessoais em matéria artística?

Entre os cruzamentos de eu estar criando e os enfrentamentos diários da vida confluem-se aponta-



Gabriel Caetano (destaque) e uma de suas obras artísticas

mentos autobiográficos do meu processo de criação, ainda que eu não saiba como fazer, quais mídias apostar, a insistência diária na criação dimensiona não apenas a matéria artística/poética, mas também outros rumos possíveis. É tudo muito conectado para mim a relação da vida, dos materiais que eu tenho e o modus que eu inscrevo no mundo minha arte.

Sua poética fala em “habitar as visualidades da experiência em criação”: explica isso!

Essa reflexão se alastra para muitos caminhos. Em suma, compreendo a prática de coletar experiência como constituinte sensível na elaboração de repertório de criação. Penso também que o instante da experiência já é um acontecimento, já é a obra... e muitas das vezes essa obra é resultado de outras experiências de vida que se encontram e geram a conexão estética. E o maravilhamento pode ser só nosso, pessoal, sim, sem a urgência de documentar fisicamente e publicamente para validar que é artista, que sabe fazer e tem várias ideias. No mais, o processo de criação se revela, a nós e nós a

“A noção de performance se deforma a medida particular de cada processo criativo”

ela. Processo de criação é falar de nossas imagens esquecidas, de encontrarmos o agora, recuperando o passado. É muito parceria/intimidade com a arte para isso acontecer. Acho que a criação artística está muito nesse lugar de coletar subjetividades de afetações constantemente no corpo, o que gera várias camadas, idiomas, a ponto desse interno transbordar na relação da fala, do pensamento, do (des) comportamento do corpo enveredando em mídia de criação em arte ou não, ela vai para algum lugar palpável.

Quais artistas ou referências te marcaram nessa trajetória estética e conceitual?

Primeiramente, minhas referências são meus pais, minha família, são valores éticos e legado que fundamenta para além de artista, cida-

dão. Tenho aventurando-me na experimentação da cor, do desenho, da instalação, da pintura e da performance, imbricando materialidades convencionais e não convencionais. Algumas referências artísticas, Bernardo Magina, Márcia Falcão, músicas de jongo, congo, culturas populares, comida, tempo, Rubiane Maia, Castiel Vitorino Brasileiro, entre outras milhares de artistas e não artistas.

Como a performance dialoga com o desenho e a pintura no seu processo criativo?

Assim como no desenho, na pintura e na performance, e em outras mídias, a “ação do corpo” da linguagem sempre está presente, ela se corporifica à sua maneira. A noção de performance se deforma a medida particular de cada processo criativo. O pensamento plástico das minhas criações vejo muito como um caminho para a performance, mas tenho acreditado na singularidade de cada linguagem como ramificação de performance.

Você enxerga o corpo como suporte ou como obra em si dentro das experimentações

artísticas?

No meu processo de criação, toda ação/experimentação artística se encaminha a invenção de corpo, mas não um corpo unívoco, solo. Sendo assim, toda criação que ocorre, de certo modo, é uma manifestação do que já é.

A fricção entre saber e não-saber é algo presente no seu discurso. Qual peso disso?

Inerente e importante para que minhas ideias criativas surjam. Encaro-as como impulsionadoras. A criação, assim como a aprendizagem vem da zona de tensão, desconforto...há de se questionar, mudar de estratégia, cansar, investir tempo, des-cansar, repetir, sistematizar para que algo aconteça.

De que maneira a cidade de Vitória, onde você nasceu e vive, influencia suas criações?

Na escolha de cores.

“A cena artística nas artes visuais está linda demais, muitos artistas bombando”

Como vê a cena artística capixaba hoje e quais são os desafios para jovens artistas que começam a expor seus trabalhos?

A cena artística nas artes visuais está linda demais, muitos/as artistas bombando, se projetando nacionalmente e internacionalmente, o que impulsiona jovens artistas a inscrever-se na história da arte contemporânea capixaba.

Quais são seus próximos projetos e experimentos?

Pesquisa/criação/docência em arte. Em outubro irei participar de uma exposição coletiva intitulada “Cores da Consciência”, no Museu Capixaba do Negro - Mucane. A exposição vem abordar o protagonismo e diversidade de mulheres negras capixabas e nacionais, que foram muito importantes para a constituição da arte, cultura e história. Para esta exposição, o público pode esperar uma diversidade de linguagens artísticas e poéticas singulares que homenageiam Carolina Maria de Jesus, Verônica da Paes, Djamilia Ribeiro, Elza Soares, entre outras mulheres negras importantes para a cena capixaba e nacional.